

ALMA LATINA: MÚSICA DAS AMÉRICAS SOB DOMÍNIO EUROPEU

Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 MHz)

Série de 13 programas semanais idealizados e apresentados por Paulo Castagna às terças-feiras das 11:00 às 12:00 da manhã, de 6 de março a 29 de maio de 2012, como parte do projeto Idéias Musicais. Programas disponíveis para audição online e download, na página <http://paulocastagna.com/alma-latina/>

Programa 08/13 - Músicos profissionais nas irmandades brasileiras

(apresentado em 24 de abril de 2012)



Olá amigos. No programa anterior ouvimos um pouco da música que circulou no meio doméstico americano e hoje entraremos nas irmandades brasileiras do século XVIII, para conhecer o rico processo de criação musical que surgiu ao seu redor.

O que foram essas irmandades e quais eram os seus propósitos? Qual foi a relação das irmandades com os compositores afro-descendentes que atuaram no Brasil? E esses compositores usaram sua herança africana na música sacra?

No programa de hoje: *Músicos profissionais nas irmandades brasileiras*.

Música	Luís Álvares Pinto - <i>Salvum fac populum</i> , do <i>Te Deum</i>	1'24"
---------------	--	-------

Ouvimos o *Salvum fac populum*, do *Te Deum* composto no Recife por Luís Álvares Pinto, com o Armonico Tributo Coro e Orquestra Barroca, sob direção de Edmundo Hora.

O pernambucano e afro-descendente Luís Álvares Pinto, viveu de 1719 a 1789 e foi um dos muitos compositores que trabalharam para irmandades no século XVIII. Irmandades eram instituições de caráter religioso, porém constituídas e sustentadas por membros contribuintes, nunca pela Igreja ou pelo governo.

Reunindo-se em torno de classes sociais, de ofícios, e mesmo de etnias, sua finalidade era garantir os serviços religiosos básicos, como missas, festividades e enterros cristãos. Onde houvesse uma irmandade pagando por música, havia profissionais oferecendo seu trabalho.

Um deles foi Jesuíno do Monte Carmelo, que nasceu em Santos em 1764, mas viveu boa parte da vida em Itu, onde faleceu em 1819. Além de compositor, desempenhou várias outras atividades artísticas, como a pintura, na qual representou afro-descendentes em situação de igualdade no Reino dos Céus.

Ouviremos, de Jesuíno do Monte Carmelo, o *Hino Pange língua*, com o Americantiga, sob direção de Ricardo Bernardes.

Música	Jesuíno do Monte Carmelo - <i>Hino Pange língua</i>	2'41"
---------------	---	-------

Ouvimos, de Jesuíno do Monte Carmelo, o *Hino Pange língua*, com o Americantiga, dirigido por Ricardo Bernardes.

Em todas as vilas ou cidades brasileiras nas quais a cultura cristã se desenvolveu, havia irmandades religiosas, quase sempre encomendando música para suas missas, novenas e procissões. Mas devido à exploração do ouro, a maior quantidade de vilas e de irmandades luso-americanas surgiu na Capitania das Minas Gerais. Uma dessas vilas foi São José Del-Rei, hoje a histórica cidade de Tiradentes, onde viveu o músico afro-brasileiro Manoel Dias de Oliveira.

Música	Manoel Dias de Oliveira - <i>Magnificat</i>	5'45"
---------------	---	-------

De Manoel Dias de Oliveira, ouvimos o *Magnificat*, com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva.

Na época denominados “mulatos” ou “pardos”, expressões obviamente preconceituosas, os afro-descendentes foram muito numerosos nas regiões brasileiras de alta produção mineradora ou agrícola. Isso ocorria devido ao pequeno afluxo de mulheres européias para essas localidades, o que acarretava uma alta quantidade de nascimentos de pai português e mãe africana. Mas como se tornaram compositores?

Na primeira metade do século XVIII ainda vigorava, no Brasil, o monopólio dos músicos portugueses. Mas com o desenvolvimento urbano, enriquecimento e proliferação das irmandades, a demanda de música aumentou fantasticamente na segunda metade desse século.

Passou a não haver suficiente número de profissionais brancos para atender ao enorme aumento das encomendas de música. Foi assim que os afro-descendentes entraram para esse mercado novo e promissor, atendendo com eficiência às urgentes e numerosas solicitações das irmandades.

Manoel Dias de Oliveira, provável filho de um músico português e de uma escrava africana, viveu em São José Del-Rei, hoje Tiradentes, de 1735 a 1813, trabalhando para as irmandades de sua região. Desse autor, ouviremos o *Gloria da Missa Abreviada*, com o Coro de Câmara São Paulo e a Orquestra Engenho Barroco, sob direção de Naomi Munakata.

Música	Manoel Dias de Oliveira - <i>Missa Abreviada em Ré</i>	7'23"
	<i>Gloria</i>	2'04"
	<i>Domine Deus</i>	2'30"
	<i>Qui tollis</i>	1'05"
	<i>Quoniam</i>	0'36"
	<i>Cum Sancto Spiritu</i>	1'08"

De Manoel Dias de Oliveira, ouvimos o *Gloria da Missa Abreviada*, com o Coro de Câmara São Paulo e a Orquestra Engenho Barroco, sob direção de Naomi Munakata.

A maciça presença de profissionais negros no mercado musical do século XVIII foi o resultado exclusivo de seu próprio esforço. Milhares de músicos afro-brasileiros apropriaram-se da capacidade de composição e execução de música para as cerimônias

religiosas, a partir das técnicas e estilos que chegavam de Portugal. E muitas vezes com notável habilidade.

Um deles foi Francisco Gomes da Rocha, que viveu de cerca de 1754 a 1808 na antiga capital de Minas Gerais, na época chamada Vila Rica e hoje Ouro Preto. De Gomes da Rocha ouviremos o primeiro Responsório das *Matinas de Pentecostes*, com o Brasilessentia Grupo Vocal e Orquestra, dirigido por Vítor Gabriel.

Música	Francisco Gomes da Rocha - Responsório I das Matinas de Pentecostes (<i>Cum complerentur dies Pentecostes</i>)	6'42"
	<i>Cum complerentur dies Pentecostes</i> (Andante vivo)	2'20"
	<i>Tamquam spiritus vehementis</i> (Allegro)	1'12"
	<i>Dum ergo essent</i> (Andante)	1'57"
	<i>Tamquam spiritus vehementis</i> (Allegro)	1'13"

De Francisco Gomes da Rocha, ouvimos o primeiro Responsório das *Matinas de Pentecostes*, com o Brasilessentia Grupo Vocal e Orquestra, dirigido por Vítor Gabriel.

A transição da primeira para a segunda metade do século XVIII transformou totalmente o panorama musical brasileiro, especialmente em Minas Gerais. Os pequenos conjuntos que cantavam obras sacras portuguesas, repetindo-as durante décadas, ainda eram suficientes para atender às funções musicais nos vilarejos da primeira metade desse século.

Mas a proliferação das irmandades, que gerou uma quantidade imensa de oportunidades profissionais, estimulou o grande aumento do número de músicos e de sua concorrência. Por volta de 1770, passou a ser necessário ter mais uma habilidade para exercer a profissão musical em Minas Gerais: saber compor e conhecer bem os estilos europeus de música sacra.

Assim, a composição musical desenvolveu-se no Brasil setecentista como um resultado da alta concorrência entre os músicos, como foi o caso de Gomes da Rocha. Desse autor ouviremos agora a *Novena de Nossa Senhora do Pilar*, composta em 1789, ano da Tomada da Bastilha em Paris e marco dramático da Revolução Francesa. A interpretação será do Coro e Orquestra Vox Brasiliensis, dirigidos por Ricardo Kanji.

Música	Francisco Gomes da Rocha - <i>Novena de Nossa Senhora do Pilar</i>	11'46"
	<i>Veni Sancte Spiritus</i> (Andantino)	1'01"
	<i>Domine ad adjuvandum</i> (Allegro)	0'48"
	<i>Gloria Patri</i> (Andante)	0'31"
	<i>Sicut erat</i> (Allegro)	0'23"
	<i>In honorem Sacratissimæ Virginis</i> (Invitatorio - Allegro comodo)	2'37"
	<i>Quem terra, pontus, sidera</i> (Hino - Andante)	3'11"
	<i>Virgo prudentissima</i> (Antífona - Allegretto)	3'15"

De Francisco Gomes da Rocha, ouvimos a *Novena de Nossa Senhora do Pilar*, com o Coro e Orquestra Vox Brasiliensis, sob direção de Ricardo Kanji.

Além de trabalhar para irmandades, Gomes da Rocha ganhou muito dinheiro com a música para a Câmara de Vila Rica. E um de seus colegas na Câmara, foi o também afro-descendente Florêncio José Ferreira Coutinho.

A vida desse compositor demonstra que os músicos do século XVIII nem sempre manifestavam interesse pelas lutas políticas. Uma delas foi a Inconfidência Mineira, que sonhava com a Independência e com a criação de uma República

brasileira, tal como vinha ocorrendo na França revolucionária. Ferreira Coutinho não apenas manteve-se fiel ao governo português, como foi um dos delatores dos inconfidentes, incluindo Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, enforcado e esquartejado em 1792.

De Florêncio José Ferreira Coutinho, ouviremos o *Laudate pueri Dominum*, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Música	Florêncio José Ferreira Coutinho - <i>Laudate pueri Dominum</i>	3’07”
---------------	---	-------

De Florêncio José Ferreira Coutinho, ouvimos o *Laudate pueri Dominum*, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Quem ouve essa composição sem saber para que foi destinada, pode imaginar que se tratasse de uma ocasião alegre. Mas não: este *Laudate pueri* foi escrito para os frequentes enterros de crianças, ou anjinhos, como eram chamados na época.

Talvez o caráter festivo em uma ocasião fúnebre, fato comum entre os compositores afro-brasileiros, tivesse alguma relação com a visão africana da morte que, por ser considerada libertadora, estava mais associada à alegria do que à tristeza.

Mas se alguns traços da cultura africana podem ter penetrado a música sacra brasileira, especialmente mineira, o estilo geral desse repertório não difere muito do que se ouvia na Europa da época.

Os compositores afro-brasileiros do século XVIII não tiveram a intenção de produzir música diferente da europeia: quiseram, sim, apropriar-se da capacidade de compor esse tipo de música e assim participar dignamente do mercado de trabalho brasileiro, anteriormente reservado apenas aos portugueses.

E nem havia como mesclar sonoridades africanas na música sacra: os batuques, como eram chamados na época, estavam sendo intensamente perseguidos pela coroa e pela Igreja. Qualquer composição sacra que manifestasse um ritmo africano seria excluída da Igreja, juntamente com seu autor.

Assim, a construção de uma existência digna, exigiu dos músicos afro-descendentes, aprender a viver em uma sociedade sob domínio europeu e em constantes transformações culturais.

O último compositor que ouviremos neste programa, e que trabalhou em Vila Rica até meados da década de 1820, é Jerônimo de Souza Queirós. O primeiro Responsório das suas *Matinas de Quinta-feira Santa* será interpretado pelo Conjunto Calíope e a Orquestra Santa Teresa, sob direção de Julio Moretzsohn.

Música	Jerônimo de Souza Lobo - Responsório I (<i>In monte Oliveti</i>) das Matinas de Quinta-feira Santa	3’07”
	<i>In monte Oliveti</i> (Andante)	1’20”
	<i>Spiritus quidem</i> (Allegro)	0’37”
	<i>Vigilate</i> (Adágio)	0’32”
	<i>Spiritus quidem</i> (Allegro)	0’38”

De Jerônimo de Souza Queirós, ouvimos o primeiro Responsório das *Matinas de Quinta-feira Santa*, com o Conjunto Calíope e a Orquestra Santa Teresa, sob direção de Julio Moretzsohn.

A difusão das irmandades foi reconhecida como uma oportunidade de sucesso profissional dos músicos afro-brasileiros do século XVIII. Sem uma história étnica e um

patrimônio cultural que lhes desse qualquer vantagem social, coube a eles construírem sua própria história, a partir da cultura que receberam.

A trajetória dos músicos afro-americanos do século XVIII, particularmente rica no Brasil e em Minas Gerais, é um belíssimo exemplo de superação das situações mais desfavoráveis e da ativa construção da própria vida.

Conhecer melhor essa história pode nos ajudar a mudar nossa relação com o passado e a construir um futuro diferente. É o que faremos nos próximos programas, ouvindo um pouco mais de música das Américas sob domínio europeu.

No programa seguinte: *A arte latina de um mulato mineiro*.

Eu sou Paulo Castagna e volto na próxima semana com mais um *Alma Latina*, programa da série Idéias Musicais. Este programa teve a produção de Ralf Schwarz e trabalhos técnicos de Almir Amador. Boa semana e até lá.

VINHETA DE ENCERRAMENTO
